

RESENHA DE "PROBLEMS OF PROJECTION", DE NOAM CHOMSKY

por Miriam Lemle (UFRJ)

RESENHA/REVIEW: CHOMSKY, Noam. (2013). Problems on projection. *Lingua*.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2012.003>

No início, o artigo soa familiar para quem se crê à vontade com Chomsky. Ele rememora passos importantes do seu percurso, curtindo, como sempre faz, estar na contramão das crenças prevalentes. A sua visão da capacidade humana da cognição de linguagem como uma recente mutação cognitiva abrupta na evolução da espécie versus a visão behaviorista da comunicação e as versões procedimentistas da era estruturalista. O empacotamento de todas as abordagens não gerativistas como variantes da tese da não existência da linguagem, o que significa a tese de que a linguagem não existe como um módulo cognitivo distinto, destacado por incorporar um procedimento gerador de representações de expressões no interior da mente, entregues a sistemas de instruções que transferem essas representações para as duas interfaces, a sensório-motoras e a conceptual-intencional. A noção de Gramática Universal e as maneiras de abordar aspectos idiossincrásicos particulares. A teoria da Ligação, os deslocamentos longos de sintagma-qu. Os três fatores que pautam a aquisição de linguagem: dotação genética, dados externos e fatores independentes do organismo. As relações contíguas entre constituintes, que podem ser descritas por meio de regras de estrutura de frase e as não contíguas que requerem regras de deslocamento. O programa minimalista, com seu anseio por satisfazer a Tese Minimalista Forte, que se reduz à busca por uma formulação tal que satisfaça as condições impostas pelas duas interfaces. A importância das relações estruturais na gramática e a irrelevância das relações provenientes da ordenação linear. A substituição da gramática com phrase-structure /deslocamento pelas noções de *merge* externo e *merge* interno. A postulação da computação por fases. As descontinuidades morfológicas resolvidas por meio da operação de cópia de traços, *agree* (concordância). Até aqui já chegamos à página 11, com os problemas sendo resolvidos em um ritmo de sucessivos avanços, bem-sucedidos. Até que, repentina e inesperadamente, o clima de céu azul muda, no meio da página 11.

No meio da página 11 vem a exigência de saber como acontece a projeção, rebatizada como *labeling* – rotulagem ou etiquetamento – abreviada como LA, *Labeling Algorithm*. O algoritmo de etiquetamento é necessário, diz Chomsky, porque é o processo que fornece a informação sobre qual é a natureza do objeto sintático, uma informação necessária para a interpretação semântica. E a mudança da gramática de estrutura de frase para a gramática que monta a estrutura sintática a partir da operação de “mergir” – “mergir externo” e “mergir interno” – traz a necessidade de se reformular o processo de etiquetamento, chamado, importantemente, não esqueçamos, de Labeling Algorithm, LA. Traduzindo: “LA é uma busca mínima (*minimal search*), presumivelmente decorrente de um

princípio de Terceiro Fator. No melhor dos casos, a informação relevante sobre o Objeto Sintático vai ser fornecida por um único elemento designado dentro dele: um átomo computacional (...) uma peça lexical, um núcleo”.

Posto isso – estamos na página 11 – Chomsky passa a enumerar estruturas sintáticas pequenas e a refletir sobre como vai ali funcionar o Algoritmo de *Labeling*.

Se o objeto sintático tem a forma {H, XP} H é o núcleo e H será o rótulo.

Se o objeto sintático tem a forma {XP, YP} a busca é ambígua, pois pode pegar o núcleo X ou o Y. Uma solução para esse caso é alçar um dos dois constituintes, para o rótulo do outro poder se tornar visível e, portanto, poder ser lido. O exemplo é: [be [lightening, the cause of the fire]]. Um dos dois termos da mini-orção tem que subir. Daí provém a estrutura sintática da frase copulativa

Outro exemplo dado vem do alemão, onde a estrutura de small clause [zwei Eichhörnchen, Nagetiere] (dois esquilos, roedores), para poder ser lida, desloca Nagetiere para poder ficar visível o rótulo e assim ser lido o sintagma *zwei Eichhörnchen*, na sentença resultante, que é:

Nagetiere hat Peter nur zwei eichhörnchen gesehen.
(Roedores Pedro só viu dois esquilos; exemplo 19, no texto.)

Ainda um outro exemplo é dado sem sentença, mas a descrição estrutural é clara. A estrutura abaixo (17, no texto) é a de uma sentença transitiva, e, portanto, pode ocorrer com *External Argument* (EA) como sujeito (voz ativa) ou com *Internal Argument* (IA) como sujeito (voz passiva).

T [EA] [v [V IA]]]

O problema aí em 17 é a ilegibilidade, nessa estrutura, dos rótulos de [EA] e [v [V IA]]. Para o algoritmo poder ler os rótulos, ou deve subir o argumento externo ou deve subir o argumento interno.

Há outros exemplos no artigo. No entanto, acredito que a exemplificação dada acima basta para se compreender o novo espírito que aí vem sendo esboçado: uma sintaxe motivada por uma condição de legibilidade que é de natureza estritamente sintática, algoritmicamente sintatizada. Uma proposta radical. O calmo início rememorativo de velhas análises se transforma de súbito em uma surpreendente reforma da forma e do espírito da sintaxe.